



Viradas marcam eleições estaduais

Candidatos que terminaram o primeiro turno atrás dos adversários reverteram o resultado e venceram as disputas em Tocantins e no Rio Grande do Norte

» LUÍZA ALTOÉ

As eleições para governadores foram marcadas por uma virada em Tocantins e no Rio Grande do Norte no segundo turno. Os candidatos que terminaram a primeira etapa da disputa atrás de seus adversários conseguiram reverter o resultado e venceram as eleições de domingo. Em Tocantins, o deputado federal Vicentinho Júnior (PSDB) foi eleito com 63,98% dos votos, enquanto a senadora Professora Dorinha (União), que havia liderado o primeiro turno, obteve 36,02%. No Rio Grande do Norte, Cadu de Lula (PT) venceu com 50,77% dos votos, contra 49,23% de Allyson Bezerra (União).

Além das viradas, as eleições estaduais ampliaram a força da direita e do centro-direita no país. Das 27 unidades da Federação, 17 elegeram candidatos desses campos políticos, ante 14 governadores ligados à direita eleitos em 2022. O resultado impõe um desafio ao presidente reeleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT), enquanto a esquerda manteve o domínio no Nordeste.

Eleitores de cinco estados e do Distrito Federal foram às urnas ontem para definir, além do presidente da República, seus governadores. As unidades da Federação que decidiram a disputa pelo Executivo estadual no segundo turno foram Acre, Amazonas, Tocantins, Rio Grande do Norte, Distrito Federal e Espírito Santo.

Em termos de reeleição, 13 dos 19 governadores que se candidatarão permanecerão no comando de seus estados. Seis foram derrotados. A taxa de reeleição foi de 68%, abaixo da registrada em 2022,

Reprodução/Redes Sociais



Vicentinho supera Dorinha e é eleito governador de TO

Reprodução/Redes Sociais



Cadu de Lula (PT) é eleito no Rio Grande do Norte

quando 18 dos 20 governadores que disputaram o pleito foram reeleitos. O percentual também ficou abaixo da média histórica de 70%.

O Partido dos Trabalhadores (PT) não avançou para outras regiões nestas eleições. A sigla elegeu governadores apenas no Nordeste, mantendo-se no comando da Bahia, do Ceará e do Piauí, com a reeleição de Jerônimo Rodrigues (PT), Elmano de Freitas (PT) e Rafael Fonteles (PT), respectivamente. No Rio Grande do Norte, o partido também manteve o governo estadual com a eleição de Cadu de Lula (PT).

O Partido Liberal (PL), sigla do candidato derrotado à Presidência Flávio Bolsonaro, teve o melhor desempenho entre os partidos nas disputas estaduais. A legenda elegeu seis governadores, tornando-se a sigla com o maior número de chefes do Executivo estaduais eleitos em 2026. Na região Sul, os três estados

elegeram candidatos do PL, reafirmando a região como um dos principais redutos bolsonaristas do país. Foram eleitos Sergio Moro (PL), Luciano Zucco (PL) e Jorginho Mello (PL).

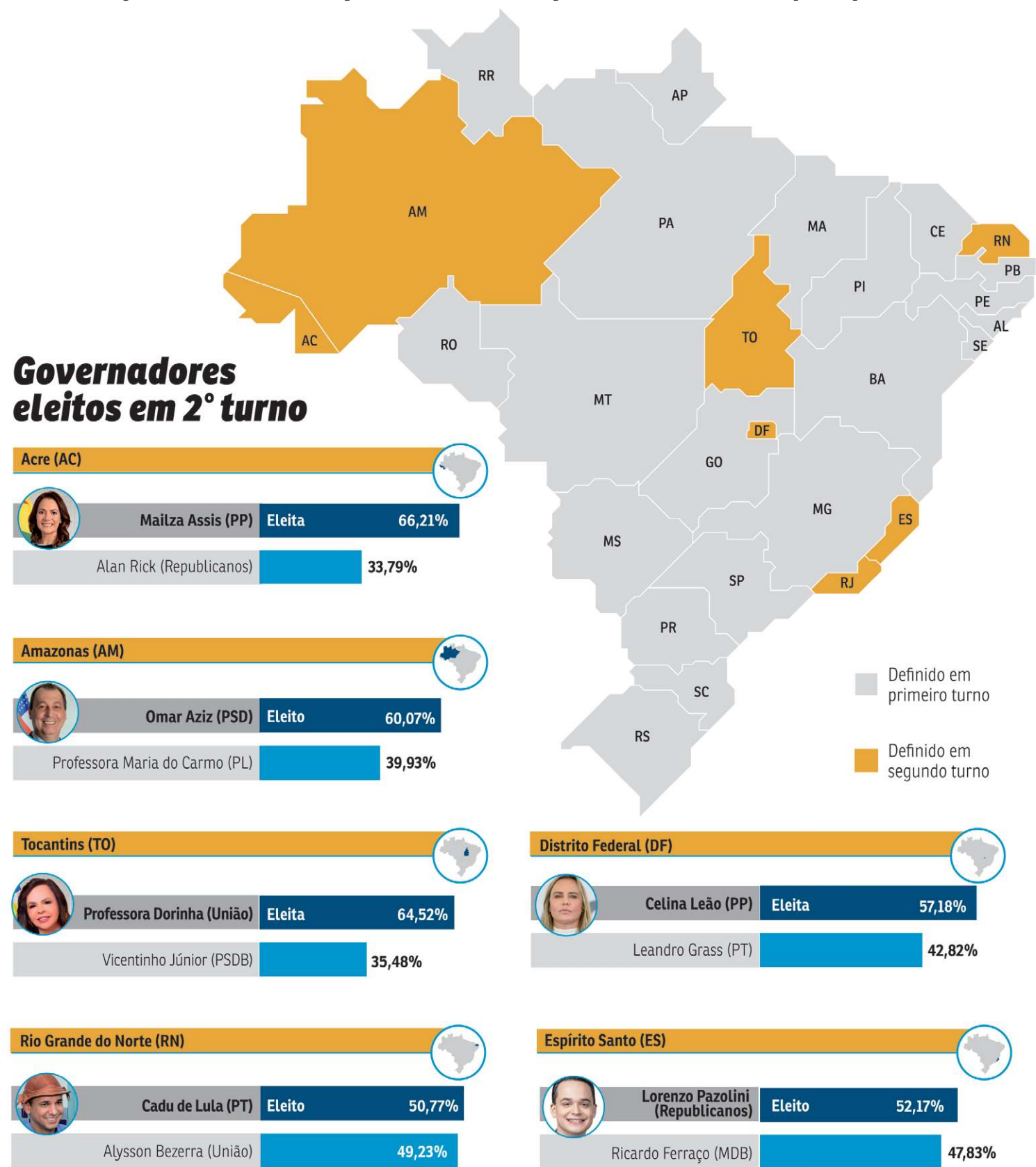
Além disso, o PL se manteve no comando do Rio de Janeiro e conquistou os governos de Rondônia e Roraima. No estado fluminense, a eleição de Douglas Ruas (PL) foi declarada após o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) indeferir o registro de candidatura de Anthony Garotinho (Republicanos), determinar a anulação dos votos atribuídos a ele no primeiro turno e retotalizar os demais votos. Marcos Rogério (PL) governará Rondônia, e Arthur Henrique (PL), Roraima.

Entre os demais partidos, o PSB perdeu o comando dos três estados que conquistou em 2022 e não elegeu nenhum governador em 2026. O União Brasil, que havia elegido quatro governadores em 2022, também

não conquistou nenhum governo estadual neste pleito. O Podemos elegeu um governador no Pará. Já o PSD ampliou sua presença e assumiu cinco governos estaduais nas regiões Nordeste e Norte. O partido derrotou nomes ligados a Lula em Pernambuco e no Maranhão, além de eleger governadores no Amapá, em Sergipe e no Amazonas.

Placar dilatado

A maior diferença nas disputas estaduais foi observada no Piauí, onde Rafael Fonteles (PT), aliado do presidente Lula, foi reeleito no primeiro turno. O petista obteve 70,90% dos votos, contra 27,54% do adversário, Joel Rodrigues (PP). Roraima também registrou uma diferença expressiva: Arthur Henrique foi eleito com 69,13% dos votos válidos, ante 29,25% de Soldado Sampaio (Republicanos).



NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Mesmo com locaute, Lula vence Flávio de virada e conquista 4º mandato

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva conquistou seu quarto mandato numa virada espetacular sobre Flávio Bolsonaro. Derrotado no primeiro turno, quando recebeu 45,16% dos votos válidos, contra 47,03% do adversário, recuperou a iniciativa e venceu de forma inequívoca. Quando o Tribunal Superior Eleitoral reconheceu sua reeleição, às 21h08, com 97,69% da apuração concluída, tinha 51,74%, contra 48,26% do senador: uma vantagem de aproximadamente 4,2 milhões de votos. O resultado reafirma a capacidade de sobrevivência e de mobilização, inclusive da juventude, do principal líder popular da nossa história contemporânea.

A vitória ocorreu apesar das dificuldades de acesso às urnas, num domingo marcado por denúncias de locaute no transporte coletivo. Ônibus retidos, frota insuficientes e longas esperas atingiram sobretudo quem depende dos serviços públicos para exercer a cidadania. A intenção deliberada de impedir votos precisa ser investigada. Oferecer transporte insuficiente numa eleição significa transformar a desigualdade social em obstáculo ao sufrágio.

O Ministério da Justiça identificou falhas em sete estados. Em Salvador, a Justiça Eleitoral determinou a recomposição integral da frota e ordenou a prisão do secretário municipal de Mobilidade, Pablo Souza.

A prefeitura atribuiu os problemas à necessidade de retirar propaganda eleitoral dos veículos. A explicação terá de ser confrontada com a fiscalização e os registros da operação.

A atuação do presidente do TSE, ministro Kassio Nunes Marques, também exige avaliação crítica. À tarde, reconheceu dificuldades, mas afirmou que estavam sendo corrigidas. Somente às 16h44 veio a notícia de sua determinação para que autoridades eleitorais da Bahia prestassem esclarecimentos em meia hora, ou seja 16 minutos antes do fim da votação. Coube ao ministro Cristiano Zanin, do Supremo, estender a votação até as 19h, nas seções cujas urnas ainda estavam abertas. As já encerradas não puderam receber novos eleitores.

O episódio se somou às controvérsias sobre o canal “Exército do Lula”. Nunes Marques havia determinado sua suspensão em decisões posteriormente revertidas. Na reta final, uma nova disputa exigiu intervenção do ministro Flávio Azevedo Marques para preservar o canal até análise colegiada. Fiscalizar propaganda e reprimir desinformação são deveres da Justiça Eleitoral. Exercê-los exige critérios transparentes e proporcionais, especialmente quando a intervenção pode desmobilizar milhões de apoiadores às vésperas da votação.

Desafios permanecem

Lula também precisou enfrentar suas próprias limitações. O primeiro turno desfez a expectativa de que a experiência presidencial e as realizações sociais bastariam para assegurar a liderança. O custo de vida, o endividamento e a insegurança alimentaram o desejo de mudança. A defesa da democracia precisava encontrar tradução nas preocupações de quem termina o mês sem dinheiro ou convive com o domínio territorial do crime.

Flávio explorou essas vulnerabilidades com acusações de corrupção, críticas ao preço dos alimentos e promessas de repressão mais dura. Procurou associar Lula à tolerância com criminosos e ao desgaste dos escândalos. Houve falsidades verificadas, como a afirmação de que Lula e Janja gastaram R\$ 7 bilhões em viagens. No debate da Band, acusações recíprocas empobreceram a escolha oferecida ao eleitor.

A recuperação de Lula veio de uma reação vigorosa da sociedade civil, que devolveu o movimento à campanha, com presença nas ruas e mobilização digital, focadas no eleitor inclinado à abstenção. Deu certo: a ausência às urnas, mesmo com o locaute, caiu de 21,08% para 19,21%. Lula conseguiu transformar uma posição defensiva numa convocação popular, recuperando a ligação entre sua trajetória e as expectativas de proteção social.

Entretanto, a vitória presidencial não reverteu o resultado do Congresso. O PL conquistou 121 cadeiras na Câmara e elegeu 19 senadores. No Senado, terá 28 integrantes, enquanto o PT permanece com nove. O bolsonarismo perdeu o Planalto, mas ampliou instrumentos de pressão, fiscalização e bloqueio. A composição da Casa acirrará as disputas sobre indicações, competências do Judiciário e iniciativas contra ministros do Supremo.

O quarto mandato começará, portanto, com legitimidade renovada e governabilidade difícil. Lula precisará construir maiorias sem entregar o comando do orçamento, preservar políticas sociais com financiamento sustentável e enfrentar o crime organizado com coordenação nacional e resultados concretos. Terá de elevar produtividade, melhorar serviços e defender a autonomia internacional do Brasil. Também precisará preparar uma renovação política que sobreviva à sua liderança. A virada demonstrou sua força pessoal; o desafio será convertê-la em instituições confiáveis e melhorias duradouras na vida da população.